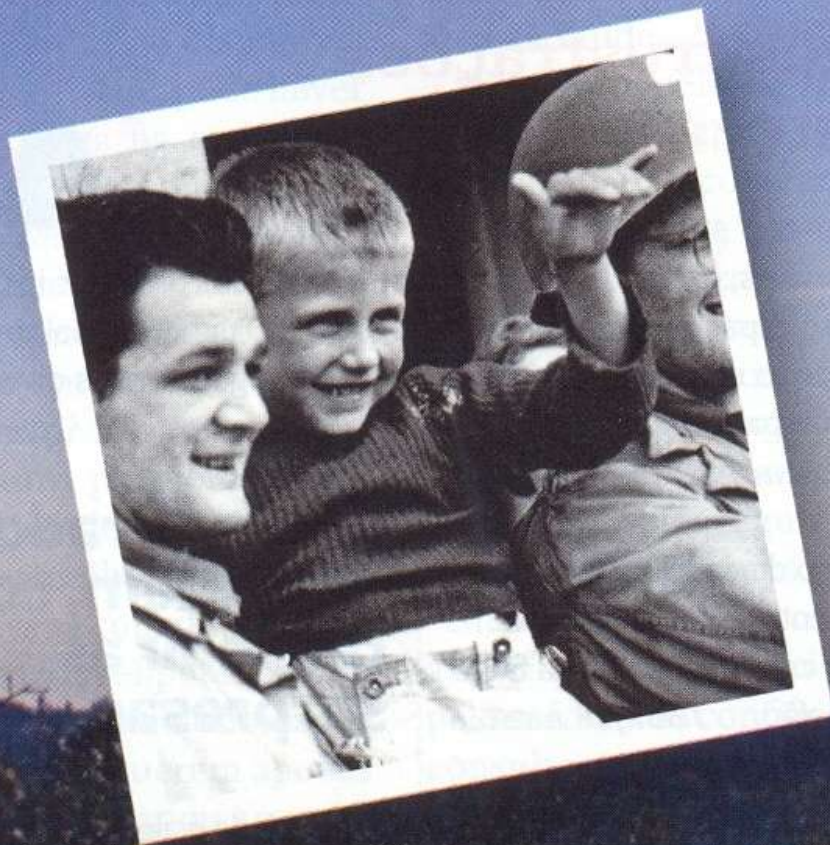



Durante a 2ª Guerra Mundial, na França, um soldado americano tomou sob sua proteção um órfão de 7 anos. Décadas depois, a filha assumiu a missão de localizar aquele menino.



A busca

POR DIANE COVINGTON



Diane, perto de casa,
na Cidade de Nevada,
Califórnia, cresceu
ouvindo histórias sobre
Gilbert (à esquerda,
em 1944).



Gilbert Desclos sentou-se no capim alto do penhasco acima da Praia Omaha, tremendo com o vento do mar. O sol se erguia sobre as árvores, e ele abraçou os joelhos ossudos bem junto ao peito e aconchegou o suéter de lã surrado mais perto do corpo.

Desde a chegada de *les américains*, o mundo mudara. Da noite para o dia, brotara um acampamento militar no campo vazio logo abaixo da sua casa, na Normandia. Para Gilbert, órfão de 7 anos, aquilo era um sonho. À noite, a Sra. Bisson, que cuidava dele, tinha de arrastá-lo à força para a cama.

Agora, de olhos arregalados, ele observava os jipes rugindo estrada acima e os homens de bibico branco correndo de um lado para outro para descarregar caminhões cheios de armas, munição, comida e sacos gigantescos. Ele bocejou quando o cheiro de *bacon*, ovos, café e torradas subiu de uma enorme barraca. Inclinou a cabeça

para trás, inspirando os aromas. O estômago grunhiu.

Donald K. Johnson, tenente de um batalhão de engenharia da Marinha americana, segurava uma prancheta e marcava as tarefas da manhã. A barraca da enfermaria estava montada; agora médicos e enfermeiros tinham um lugar decente para tratar os soldados. Os chuveiros funcionavam.

Johnson e seus homens trabalhavam desde o amanhecer, e já era meio-dia. Ele os mandou parar e, fazendo também uma pausa, tocou o bolso no peito onde carregava a fotografia da mulher e dos dois filhos pequenos. Fazia mais de um ano que não os via.

Quando o tenente se virou para ir embora, avistou algo no capim alto do morro. Seria uma criança? Acenou. Uma mãozinha acenou de volta. Johnson chamou. Houve um momento de hesitação, e o menino, pouco mais alto que o capim, desceu. Johnson se ajoelhou para olhá-lo nos olhos.

Experimentou o francês da escola:
– *Comment tu t'appelles?*

Os faiscantes olhos azuis do menino brilharam.

– Gilbert – respondeu.

Johnson lhe apertou a mão. Parecia que esse rapazinho precisava de uma boa refeição, e no acampamento havia comida mais do que suficiente. Com o seu francês capenga, convidou Gilbert para almoçar. Quando o menino concordou, Johnson o pegou no colo, apoiado no quadril, como teria feito com um dos filhos, e seguiu para a barraca do rancho.

O tenente Johnson em 1943, seis meses antes de chegar à Normandia para a invasão do Dia D.



Lá dentro, dezenas de jovens soldados comiam e conversavam. Os olhos de Gilbert se arregalaram. Johnson encheu dois pratos de carne assada, batata, cenoura e ervilha, pão fresco e torta de maçã.

Os homens na mesa dos oficiais sorriram e abriram espaço para os dois. Gilbert se serviu de pequenas porções e, mastigando devagar, comeu tudo o que havia no prato. Johnson lhe deu um tapinha na cabeça: “*Très bien!*”

Depois do almoço, Johnson pegou o amiguinho pela mão e os dois saíram caminhando ao sol de junho. Então, ele se ajoelhou junto do menino e explicou que tinha de voltar ao trabalho. Gilbert assentiu e correu caminho acima pelo capim, virando-se para acenar.

Às 18 horas, quando Johnson ia de novo para a barraca do rancho, viu o garoto sentado no mesmo lugar. Fez sinal, e o menino correu para ele.

O jantar era galinha frita, purê de batata, milho, biscoitos e bolo de chocolate. Novamente, Johnson encheu dois pratos, mas Gilbert não comeu tanto quanto no almoço; era visível que não estava acostumado com tanta comida. Mas ficou sentado junto de Johnson e deu o seu sorriso tímido, respirando fundo entre as garfadas, como se quisesse comer o máximo possível.

Depois do jantar, Johnson se ajoelhou ao lado de Gilbert. “*Bon soir*”, disse. “*À demain*”, até amanhã. E ficou olhando o menino subir o caminho e desaparecer.

A partir de então, Gilbert fez três refeições ao dia e engordou com a comida nutritiva. Os outros soldados não se incomodavam; na verdade, o menino ajudava a aliviar as saudades de casa. Gilbert ria quando Johnson o levava nos ombros e logo passou a pegar carona no jipe quando o amigo percorria a praia para conferir o desembarque do carregamento dos navios. Quando supervisionava os projetos de construção no acampamento, Gilbert ia junto. Se saía do acampamento com seu pessoal para reconstruir uma estrada ou ponte explodida, Gilbert esperava sua volta.

o ronco da motocicleta de papai ao chegar, todas as tardes, às 17h45, vindo de San Diego, onde trabalhava como engenheiro civil da Marinha.

Às 18h em ponto, a família se reunia em torno da mesa de fórmica amarela que ocupava quase toda a pequena cozinha. Papai e mamãe se sentavam às cabeceiras, minha irmã diante de mim, meu irmão mais velho ao lado.

Papai parecia rígido com a camisa branca de mangas curtas, a gravata estreita e, no bolso, o estojo com caneta, bloco de anotações e, às vezes, uma régua de cálculo. Mas os olhos revela-

Gilbert havia sido abandonado e não tinha parentes vivos. Mas, quando Johnson perguntou se podia adotá-lo, a resposta foi: não.

Durante o verão de 1944, o francês de Johnson melhorou, e Gilbert aprendeu a dizer olá, até logo, obrigado, jipe, navio e sorvete em inglês. Também sabia dizer tenente Johnson.

Em meados de outubro, quando recebeu ordem de partir da França, Johnson procurou as autoridades de Caen para pedir informações sobre o menino. Descobriu que Gilbert fora abandonado ao nascer e não tinha parentes vivos. Mas, quando perguntou se podia adotá-lo, a resposta foi firme: não.

O tenente Johnson era meu pai. As histórias sobre o menino e a França durante a guerra fizeram parte da minha infância e eram tão constantes quanto

vam que era bondoso, engraçado e um tanto gaiato. As histórias dele me faziam rir e, quando descrevia a época que passara na França, eu conseguia imaginar tudo: o campo, os enormes navios da Marinha e Gilbert Desclos.

Papai sempre falou o nome de Gilbert com uma certa reverência e do jeito francês, com o “gê” suave.

Sabia que tentara adotar Gilbert e trazê-lo para casa. Às vezes pensava nisso, curiosa para saber como seria ter outro irmão mais velho à mesa.

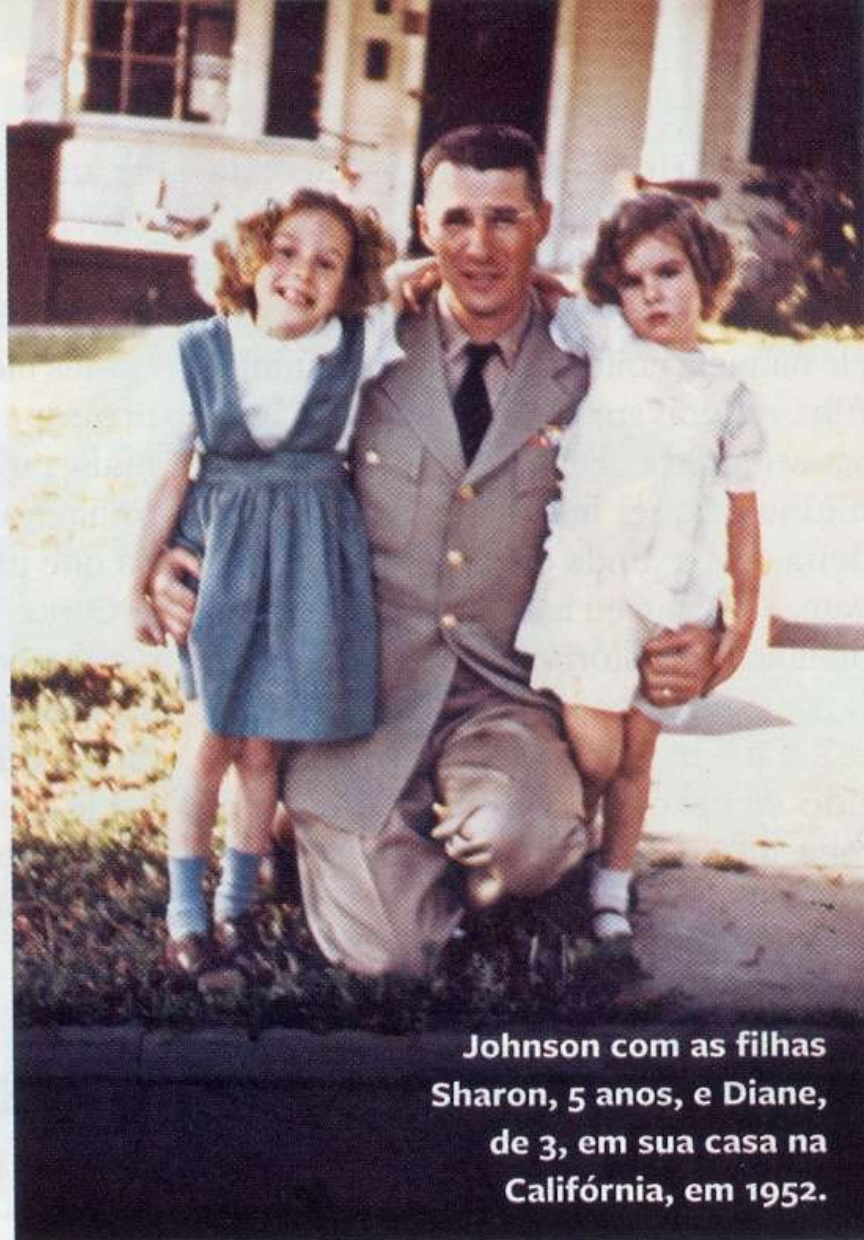
Fui crescendo, e as histórias de meu pai passaram a ficar cada vez mais na infância, deixadas de lado como as bonecas e os livros de colorir. Depois que me casei e formei minha família, papai

voltou à Europa e ficou em Paris. Disse que procurou o nome de Gilbert nas listas telefônicas, mas não achou. Lembro-me de seus ombros caídos e da cabeça baixa quando me contou isso.

Na velhice, quando estava cego e não conseguia mais andar, eu ficava sentada ao seu lado enquanto ele falava sobre a vida. Quando citava a França, os olhos brilhavam. As lágrimas cintilavam ao mencionar Gilbert. Eu lhe acariciava a mão, sem saber como poderia ajudar.

Em 1991, depois que papai morreu, quis aprender mais sobre a 2ª Guerra Mundial. Fui à França em 1993 para visitar as praias e escrever sobre o 50º aniversário da invasão do Dia D. Fiquei nos penhascos acima da Praia Omaha, onde hoje há um cemitério americano com mais de 10 mil soldados sepultados. O ar pinicou meu rosto quando limpei as lágrimas, me lembrando de papai, querendo lhe fazer mais perguntas.

Na reportagem para o jornal local da Califórnia, mencionei Gilbert Desclos. A adida de imprensa do consulado francês de São Francisco leu a reportagem e entrou em contato comigo. Ao saber que eu voltaria à Normandia para receber uma medalha em homenagem ao meu pai, ela insistiu para que procurasse Gilbert: “Os franceses não se mudam tanto quanto os



Johnson com as filhas Sharon, 5 anos, e Diane, de 3, em sua casa na Califórnia, em 1952.

americanos. Provavelmente, ele ainda mora por lá.”

Depois da cerimônia de entrega da medalha, pus um anúncio no jornal local. Achei que levaria meses ou anos para encontrar Gilbert, por isso citei o meu endereço na Califórnia e parti com Heather, minha filha adolescente, numa viagem pela França.

Na manhã seguinte, Gilbert Desclos, ao ler o jornal, chorou quando viu o nome do meu pai. Ligou para a redação, soube que eu viajara e escreveu para a minha casa. Ao recolher a correspondência, minha irmã reconheceu o nome, correu até a casa de um amigo e, por fax, enviou a carta para a França. Recebi-a na noite anterior à minha

volta com Heather para Paris, de onde iríamos para casa.

Liguei para Gilbert e, gaguejando de emoção, combinei um encontro com ele naquela noite. Enquanto eu e minha filha esperávamos num café em Caen, aguardando a chegada de Gilbert e sua mulher, fiquei me remexendo na cadeira, observando os rostos que passavam. Será que eu ia mesmo conhecer o menino das histórias da minha infância? E como eu o reconheceria?

Então um homem magro e bem-vestido se aproximou, sorriu e disse o meu nome. Quando olhei nos olhos dele, vi a mesma expressão de bon-

de amor e carinho, ele serviu o Exército, arranhou um bom emprego e casou-se com Huguette. Juntos, criaram a filha Cathy.

Mas ele nunca esqueceu papai. Sempre repetiu para Huguette, Cathy, e mais tarde para os dois netos, que tinha, nos Estados Unidos, uma família que um dia o encontraria.

Contei-lhe que papai também nunca o esquecerá, que falara dele pelo resto da vida, até o fim. Pude ver a importância que isso teve para Gilbert.

Ele me contou as mesmas histórias do meu pai, mas do ponto de vista de uma criança: o fascínio pelo acampa-

Sentei-me num café e esperei. Será que ia mesmo conhecer o menino das histórias de infância?

dade do papai; na verdade, Gilbert era meio parecido com ele.

Em casa, depois do jantar, Gilbert abriu uma garrafa empoeirada de Calvados. Enquanto conversávamos e saboreávamos a famosa aguardente de maçã, percebi que todos os anos de estudo de vocabulário e verbos irregulares franceses tinham me preparado para aquele momento.

Ele fez perguntas sobre o papai, sobre a nossa vida, sobre como papai morrera. Contou-me como vivera depois que papai partira da França, morando num orfanato, triste e solitário, mas que, na adolescência, uma boa mulher o levara para morar com a família dela. Nutrido por aqueles anos

mento militar, a comida deliciosa, a gentileza de papai. Ao lembrar os braços do tenente em torno dele, voltou a chorar. Ficamos juntos ali sentados, em silêncio e comovidos, sentindo a falta do pai que nos amara a ambos.

Gilbert contou a sua versão do dia de outubro de 1944 em que ele e papai se despediram na Praia Omaha. Papai o puxara para perto. Gilbert o abraçara com força, enterrando a cabeça no grosso casaco de lã da Marinha que papai usava. O vento frio de outubro varria a areia em torno deles, enquanto os homens passavam correndo, levando ao ombro pesados sacos, empolgados por voltarem para casa.



- Quer ir comigo para os Estados Unidos? - perguntou papai.

- *Oui* - murmurou Gilbert.

Eles embarcaram. O comandante, que observava, balançou a cabeça:

- Johnson, aqui entre nós: se o pegarem, não sei de nada.

Papai fez que sim, ajeitando o peso de Gilbert no quadril.

Mas, dali a uma hora, caiu uma tempestade. Ondas de seis metros golpearam o casco do navio. Não havia como atravessar o Canal da Mancha com aquele tempo. Quando o sol se pôs, o vento amainou e os marinheiros se prepararam para a partida. Momentos antes de o navio zarpar, policiais franceses chegaram à praia, exigindo falar

Diane (sentada, no centro), Gilbert (atrás dela) e suas famílias - finalmente unidas.

com o comandante; uma tal Sra. Bisson avisara que o menino de quem cuidava não voltara para casa, e estavam procurando por ele.

Gilbert se lembra que o comandante mandou chamar o tenente Johnson. Houve uma pausa longa e tensa. O tenente surgiu no alto da prancha de embarque, com Gilbert no colo. Gilbert chorava, agarrado a ele. "*Non!*", gemia. "*Non!*" Os policiais tiveram de arrancá-lo à força. O navio zarpar sem o menino, que a Sra. Bisson colocou num orfanato no mesmo dia.

Gilbert arrolhou a garrafa de Calvados.

– O seu pai disse que voltaria para me buscar. Esperei 50 anos para ter notícias dele.

Ficamos ali, num silêncio constrangedor, até que a filha de Gilbert perguntou:

– Por quê? Por que ele não veio?

Não consegui pensar em nada para dizer em inglês, e muito menos em francês. Então, Cathy sussurrou:

– *Le destin*.

Era o destino de Gilbert ficar na França e construir sua vida e família.

Quando nos despedimos, Gilbert pegou minha mão:

– Sempre soube que teria notícias do seu pai, que alguém viria... Obrigado.

Naquela noite, não dormi, visualizando a despedida naquela praia desolada, imaginando a polícia arrancando de papai uma parte do seu coração. E como e por que papai guardara esse segredo a vida toda? Envergonhava-se de não ter cumprido a promessa? E por que não o ajudei a encontrar Gilbert antes de morrer?

Enquanto o relógio tiquetaqueava na mesinha de cabeceira, percebi que não encontraria respostas no passado. Mas podíamos avançar a partir daí.

Nos dois anos seguintes, Gilbert e eu nos correspondemos, nos telefonamos, trocamos *e-mails*. Em 1996, minha mãe, minha irmã, Heather e eu fomos à França para uma comemoração, publicada no mesmo jornal que usei para encontrar Gilbert.

Um ano depois, a família Desclos foi aos Estados Unidos, recebida por 40

integrantes de quatro gerações do clã Johnson. Certa noite, ao jantar, Gilbert leu em voz alta uma carta que escrevera para a ocasião, enquanto eu traduzia para o inglês. Contou lembranças que tinha do meu pai e nos disse como era importante ter ido finalmente aos Estados Unidos. Era um sonho, disse, que chegara a pensar que nunca seria concretizado.

Com o passar dos anos, eu e outros parentes voltamos à França várias vezes. Então, meses antes da minha visita planejada para janeiro de 2008, Gilbert descobriu que tinha câncer de fígado. Morreu quatro dias antes da minha chegada.

Consegui chegar a tempo para o funeral. Na minúscula aldeia da Normandia, os sinos tocavam, e parentes e amigos enfrentavam o frio para encher a igreja. A bandeira tricolor francesa cobria o caixão, levado por uma guarda de honra de colegas veteranos.

Fiquei sentada no banco da frente, junto da família de Gilbert, e ouvi os tributos prestados à sua memória. Durante a missa, o padre me pediu que pusesse no caixão uma foto do meu pai e outra de Gilbert em 1944, juntas na mesma moldura.

Com a luz das velas tremeluzindo nos rostos das fotografias e a música a ecoar nas paredes da antiga igreja, percebi que Cathy estava certa: foi graças a *le destin* que o oficial da Marinha americana e aquele menino se encontraram, e, por causa do destino, tinham seguido caminhos distintos. Mas, agora sei, também foi o destino que voltou a uni-los. ■